

Martha Stout, Ph.D.

MEU VIZINHO É UM PSICOPATA



SEXTANTE

Sumário

Nota da autora 11

Introdução – Imagine 13

Capítulo 1

O sétimo sentido 31

Capítulo 2

Frios como gelo: os sociopatas 49

Capítulo 3

Quando a consciência normal adormece 66

Capítulo 4

A melhor pessoa do mundo 84

Capítulo 5

Por que a consciência é parcialmente cega 101

Capítulo 6

Como identificar quem não sente remorso 119

Capítulo 7

A etiologia da ausência de culpa: o que causa a sociopatia? 136

Capítulo 8

Um sociopata dentro de casa 158

Capítulo 9

As origens da consciência 182

Capítulo 10

A escolha de Bernie: por que é melhor ter consciência 200

Capítulo 11

O dia da marmota 217

Capítulo 12

A consciência em sua forma mais pura: a ciência vota a favor da moralidade 229

Notas 239

Agradecimentos 248

Sobre a autora 250

Nota da autora

As descrições contidas em *Meu vizinho é um psicopata* não se referem a indivíduos específicos. No âmbito da psicoterapia reside o preceito da confidencialidade e, como de costume, tomei o maior cuidado para preservar a privacidade dos personagens reais. Todos os nomes são fictícios e todas as características que permitissem a identificação dessas pessoas foram alteradas. Alguns personagens que aparecem no livro consentiram em ser anonimamente retratados. Nesses casos, não incluí nenhuma informação que pudesse identificá-los.

A história narrada no capítulo “O dia da marmota” é uma ficção. Fora isso, todos os outros acontecimentos, diálogos e pessoas apresentados aqui são fruto dos meus 25 anos de atuação como psicóloga. No entanto, em função do compromisso com a confidencialidade, os relatos destas páginas são, por natureza, genéricos, ou seja, cada caso é a combinação de muitos indivíduos cujas características e experiências empreguei conceitualmente, tomando o cuidado de alterar suas especificidades para compor um personagem ilustrativo. Qualquer semelhança desse personagem genérico com alguma pessoa real é mera coincidência.

INTRODUÇÃO



Imagine

As mentes diferem ainda mais que os rostos.

– VOLTAIRE

Imagine – se puder – como seria não ter consciência, culpa nem remorso independentemente do que fizesse, não se sentir de forma alguma tolhido pela preocupação com o bem-estar de estranhos, amigos ou mesmo parentes. Imagine nunca, em toda a vida, precisar lidar com a vergonha, por mais egoístas, relapsas, prejudiciais ou imorais que fossem suas ações. Finja desconhecer a noção de responsabilidade, salvo como um fardo que os outros – bobocas ingênuos – aparentemente carregam sem questionar. Acrescente a essa estranha fantasia a capacidade de esconder das pessoas o fato de que a estrutura psicológica delas é radicalmente diferente da sua. Como todos simplesmente pressupõem que a consciência é um atributo universal dos seres humanos, esconder que você não a possui exige pouquíssimo esforço. Você não refreia nenhum desejo por sentir culpa ou vergonha e ninguém jamais censura sua frieza. O sangue-frio que corre em suas veias é tão bizarro, tão completamente alheio à experiência dos outros, que eles nem sequer suspeitam de seu transtorno.

Em outras palavras, você vive livre de repressões interiores e essa liberdade ilimitada para fazer o que bem entender sem que isso lhe pese na consciência é, de maneira muito conveniente, invisível para o mundo. *Você pode fazer absolutamente qualquer coisa* e, mesmo assim, é provável que sua estranha vantagem sobre a maioria das pessoas, mantidas na linha pela própria consciência, jamais seja descoberta.

Como você vai levar a vida? O que fará com essa enorme e secreta vantagem e com a conseqüente desvantagem dos outros (a consciência)? A resposta dependerá, em grande parte, de quais forem os seus desejos, porque as pessoas não são iguais. Nem mesmo os profundamente inescrupulosos são idênticos. Alguns – tenham ou não consciência – preferem a facilidade da inércia, enquanto outros são movidos por sonhos e ambições desenfreados. Há seres humanos brilhantes e talentosos, outros são simplórios e a maioria se situa entre esses dois extremos. Existem pessoas violentas e outras não violentas, indivíduos motivados pela sede de sangue e os que não têm tais apetites.

Talvez você anseie por dinheiro e poder, tenha um QI fantástico e nenhum vestígio de consciência. Sua natureza é empreendedora e você tem a capacidade intelectual necessária para se tornar rico e influente, sem se deixar perturbar por aquela incômoda voz interior que impede outras pessoas de fazer qualquer coisa para alcançar o sucesso. Depois de escolher sua carreira em um amplo leque de atividades de peso – como empresário, político, advogado, banqueiro, promotor internacional de negócios, etc. —, você investirá nela com uma frieza que não tolera nenhum dos habituais impedimentos morais ou jurídicos. Se necessário, não hesitará em manipular as contas e esconder as provas, apunhalar pelas costas funcionários e clientes (ou eleitores), casar por dinheiro, contar premeditadamente mentiras destrutivas àqueles que confiam em você, tentar acabar com colegas poderosos ou influentes e passar como um trator por cima de grupos de pessoas mais fracas. E tu-

do isso será feito com a magnífica liberdade que a absoluta falta de consciência lhe dá.

Você será extrema e inquestionavelmente bem-sucedido – talvez até no mundo todo. Por que não? Com essa inteligência fantástica e sem consciência alguma para coibir suas maquinações, *you can do anything*.

Ou não. Digamos que você não seja assim. Sem dúvida é ambicioso e, em nome do sucesso, está disposto a fazer todo tipo de coisa que pessoas com consciência jamais cogitariam, mas não é intelectualmente bem-dotado. Pode ter uma inteligência acima da média e ser esperto, talvez até muito esperto. Mas no fundo sabe que não possui acervo cognitivo ou criatividade suficiente para chegar às altas esferas do poder com as quais sonha em segredo, e isso o deixa ressentido com o mundo em geral e com inveja daqueles que o cercam.

Por ser assim, você se abriga em nichos nos quais pode exercer algum controle sobre um pequeno número de pessoas. Isso satisfaz um pouco seu desejo de poder, embora lhe cause uma irritação crônica por não ter mais. É enervante sentir-se tão livre daquela ridícula voz interior que impede os outros de conquistar um grande poder, mas não dispor de talento suficiente para correr atrás do sucesso. Às vezes, você tem crises de mau humor e de raiva causadas por uma frustração que ninguém mais entende.

Você gosta dos empregos que lhe conferem um controle pouco supervisionado sobre alguns indivíduos ou pequenos grupos, de preferência os que sejam relativamente impotentes ou de alguma forma vulneráveis. Pode ser professor, psicoterapeuta, advogado especializado em divórcio ou treinador de um time juvenil. Mas também pode ser consultor, corretor, dono de galeria de arte ou gerente de recursos humanos. Talvez nem tenha uma atividade remunerada, mas seja síndico do seu prédio ou voluntário em um hospital. Ou pai ou mãe. Não importa qual for a sua ocupação, você manipula e intimida seus subordinados da maneira mais frequen-

te e ultrajante possível sem que corra o risco de ser demitido ou responsabilizado. Faz isso sem nenhum propósito, exceto seu próprio prazer. Deixar os outros tremendo significa ser poderoso – pelo menos na sua opinião – e intimidar o enche de adrenalina. É divertido.

Talvez você não consiga ser presidente de uma multinacional, mas seja capaz de amedrontar algumas pessoas, deixá-las confusas, roubá-las ou – o melhor de tudo – criar situações para que elas se sintam mal consigo mesmas. E isso é poder, sobretudo quando os manipulados são superiores a você de alguma forma. O mais estimulante é destruir indivíduos mais inteligentes, bem-sucedidos, sofisticados, atraentes ou moralmente mais respeitados que você. Não se trata apenas de uma ótima diversão, mas de vingança existencial. E, não tendo consciência, é muito fácil agir assim. Você discretamente conta mentiras para seu chefe, ou para o chefe dele, chora algumas lágrimas de crocodilo, sabotagem o projeto de um colega, enlouquece deliberadamente um paciente (ou uma criança), usa promessas como isca ou fornece uma informação errada que nunca poderão atribuir a você.

Digamos, agora, que você tenha tendência à violência ou que goste de vê-la ser praticada. Poderá simplesmente matar, ou mandar matar, um colega de trabalho, o chefe, a ex-mulher, o marido rico da sua amante ou qualquer pessoa que o incomode. Terá que tomar cuidado, pois um único descuido pode fazer com que você seja descoberto e punido. Mas nunca terá que enfrentar sua consciência. Se resolver matar, só enfrentará dificuldades externas. Nada dentro de você vai protestar.

Desde que nada nem ninguém o detenha, *you can do anything*. Se nasceu no momento certo, com acesso a algum dinheiro de família e um talento especial para instigar nos outros o ódio e a sensação de injustiça, pode mandar matar um número razoável de inocentes. Com bastante dinheiro, é possível fazer isso de longe e relaxar, assistindo satisfeito à concre-

tização de seus planos. Na verdade, o terrorismo (praticado a distância) é a ocupação ideal para alguém dominado por sede de sangue e desprovido de consciência, pois, se feito da maneira correta, permite ameaçar uma nação inteira. Se isso não é poder, o que mais pode ser?

Imaginemos agora o extremo oposto: você não se interessa por poder. Ao contrário, é o tipo de pessoa que realmente não deseja muita coisa. Sua única ambição é não precisar se esforçar para viver. Não quer trabalhar como todo mundo. Sem consciência, você pode dormir, se dedicar a seus hobbies, assistir à televisão ou até passar o dia todo à toa em qualquer lugar. Ficando às margens da sociedade e com alguma ajuda de parentes e amigos, poderá levar essa vida indefinidamente. É possível que as pessoas comentem umas com as outras que você não explora todo o seu potencial ou que está deprimido, coitado. Se ficarem chateadas, talvez reclamem da sua preguiça. Quando o conhecerem melhor e se enfurecerem de verdade, poderão até chamá-lo de perdedor, de vagabundo. Mas nunca ocorrerá a ninguém que você não possui consciência, que a sua mente é essencialmente diferente da de todos os outros.

O sentimento de pânico que uma consciência culpada desperta não lhe causa apertos no peito nem insônia. Apesar da vida que leva, você nunca se sente irresponsável, negligente, nem mesmo envergonhado, embora, para manter as aparências, às vezes finja que sim. Por exemplo, se souber observar as pessoas e suas reações, poderá adotar uma expressão facial apática, dizer que se envergonha e se sente péssimo por viver assim. Isso porque, do seu ponto de vista, é mais conveniente os outros acreditarem que você está deprimido do que ficarem lhe dando sermões ou insistindo para que arrume um emprego.

Você sabe que as pessoas que têm consciência se sentem culpadas por perturbar os que parecem “deprimidos” ou “problemáticos”. Para sua sorte, elas muitas vezes se consideram na obrigação de tomar conta de alguém assim. Caso venha a ter um relaciono-

namento sexual com alguém, esse parceiro – que não faz ideia de como você é de verdade – talvez se sinta responsável pelo seu bem-estar. E como seu maior desejo é não precisar trabalhar, quem for sustentá-lo nem precisa ser muito rico, desde que tenha consciência.

Acredito que se imaginar na pele de qualquer uma dessas pessoas pareça uma insanidade, porque todas elas são perigosamente loucas. No entanto, são reais. Elas inclusive têm um rótulo. Muitos profissionais especializados em saúde mental se referem à pouca consciência ou à sua total ausência como “Transtorno da Personalidade Antissocial”, uma incorrigível deformação de caráter que hoje se acredita estar presente em cerca de 4% da população¹ – ou seja, uma em cada 25 pessoas. Essa deficiência também tem outros nomes,² sendo os mais comuns “sociopatia” ou “psicopatia”, que é o termo mais popular. A ausência de culpa foi, na verdade, o primeiro distúrbio de personalidade reconhecido pela psiquiatria e os termos usados para defini-lo ao longo do tempo incluem *manie sans délire*, *inferioridade psicopática*, *insanidade moral* e *debilidade moral*.

Segundo a atual bíblia de rótulos psiquiátricos,³ o *Manual diagnóstico e estatístico de distúrbios mentais DSM-IV-TR*, da Associação Americana de Psiquiatria, o diagnóstico clínico do “Transtorno da Personalidade Antissocial” deve ser cogitado quando um indivíduo apresentar, no mínimo, três das sete características a seguir: (1) incapacidade de adequação às normas sociais; (2) falta de sinceridade e tendência à manipulação; (3) impulsividade, incapacidade de planejamento prévio; (4) irritabilidade, agressividade; (5) permanente negligência com a própria segurança e a dos outros; (6) irresponsabilidade persistente; (7) ausência de remorso após magoar, maltratar ou roubar outra pessoa. A combinação de três desses “sintomas” é suficiente para levar muitos psiquiatras a considerarem o distúrbio.

Outros pesquisadores e médicos⁴ – muitos dos quais acham que a definição da Associação descreve mais a “criminalidade” sim-

ples do que a verdadeira “psicopatia” ou “sociopatia” – chamam a atenção para outras características dos sociopatas como grupo. Um dos traços mais frequentemente observados é um desembaraço e um charme superficial que tornam o verdadeiro sociopata sedutor para outras pessoas, figurativa ou literalmente – uma espécie de brilho ou carisma que, a princípio, pode fazê-lo parecer mais encantador ou interessante do que a maioria dos indivíduos normais à sua volta. Ele é mais espontâneo, mais envolvente, de alguma forma mais “complexo”, sexy ou divertido do que qualquer outra pessoa. Às vezes esse “carisma sociopático” vem acompanhado de uma ideia exagerada do próprio valor que pode soar atraente de início, mas que, depois de um exame mais detalhado, acaba parecendo estranha ou até mesmo risível (“Um dia o mundo vai perceber como sou especial” ou “Você sabe que, depois de mim, nenhum outro amante vai satisfazê-la”).

Além disso, os sociopatas têm uma necessidade de estímulo maior que a normal, o que os leva a correr frequentes riscos sociais, físicos, financeiros ou jurídicos. Costumam ser capazes de induzir outras pessoas a os acompanharem em empreitadas arriscadas e, como grupo, são conhecidos por mentir e enganar de modo exagerado e doentio, assim como por estabelecer uma relação parasitária com seus “amigos”. Independentemente de quão instruídos ou bem posicionados sejam na idade adulta, podem apresentar um histórico de problemas comportamentais precoces, que às vezes inclui o uso de drogas ou episódios de delinquência juvenil e no qual a incapacidade de assumir a responsabilidade por quaisquer erros tem presença garantida.

Os sociopatas se destacam, sobretudo, pela superficialidade da emoção,⁵ pela natureza vazia e transitória de quaisquer sentimentos de afeto que possam alegar e por uma insensibilidade surpreendente. Eles não demonstram nenhum sinal de empatia nem de interesse genuíno em se envolver emocionalmente com um parceiro. Uma vez retirada a camada superficial de charme, seus

casamentos são sem amor, unilaterais e, quase sempre, de curta duração. Se o sociopata valoriza minimamente o cônjuge é porque o vê como uma posse e, se perdê-lo, ficará *furioso*, mas jamais triste ou culpado.

Todas essas características, aliadas aos “sintomas” listados pela Associação Americana de Psiquiatria, são manifestações comportamentais do que para a maioria de nós é um distúrbio psicológico inimaginável: a ausência do nosso sétimo sentido, a consciência.

Um transtorno louco e assustador – e real para cerca de 4% da população.

Mas o que esses 4% realmente significam para a sociedade? Consideremos as seguintes estatísticas para os problemas de que ouvimos falar com mais frequência: estima-se que a taxa de distúrbios alimentares anoréxicos seja de 3,43%, e eles são considerados quase epidêmicos. No entanto, esse número é menor do que o índice de ocorrência do Transtorno da Personalidade Antissocial. Os distúrbios classificados como esquizofrenia acometem apenas 1% da população – um quarto da incidência da sociopatia – e, segundo os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, o câncer de cólon, cujos índices são considerados “alarmantes”, atinge cerca de 40 em cada 100.000 indivíduos – 100 vezes menos que a personalidade antissocial. Para resumir, há entre nós mais sociopatas do que pessoas que sofrem de anorexia, quatro vezes mais do que esquizofrênicos e 100 vezes mais do que vítimas de câncer de cólon.

Como terapeuta, minha especialidade é o tratamento de pessoas que passaram por traumas psicológicos. Ao longo dos últimos 25 anos, atendi centenas de adultos que vivem em constante sofrimento psicológico decorrente de abusos sofridos na infância ou de alguma outra terrível experiência. Como detalhei nos estudos de caso do livro *The Myth of Sanity* (O mito da sanidade),⁶ meus pacientes sofrem diversos tormentos, entre eles ansiedade crônica, depressão incapacitante e estados mentais dissociativos. Sentindo que sua

vida era insuportável, muitos deles me procuraram após sobreviverem a tentativas de suicídio. Alguns apresentavam traumas gerados por catástrofes provocadas pela natureza ou pelo homem, como terremotos e guerras, mas a maioria havia sido controlada e psicologicamente destruída por outros indivíduos – sociopatas que, às vezes, eram estranhos, porém, com mais frequência, eram os próprios pais, parentes mais velhos ou irmãos. Ajudando meus pacientes e suas famílias a lidar com os danos sofridos e analisando suas histórias, aprendi que o estrago provocado pelos sociopatas à nossa volta é profundo e duradouro, muitas vezes tragicamente letal e assustadoramente comum. Ao trabalhar com centenas de sobreviventes, me convenci de que abordar os fatos relacionados à sociopatia de forma aberta e direta é uma questão urgente para todos nós.

Cerca de um em cada 25 indivíduos é sociopata, ou seja, não possui consciência. Não que esse grupo seja incapaz de distinguir entre o bem e o mal, mas esta distinção não limita seu comportamento. A diferença intelectual entre certo e errado não soa um alarme emocional nem desperta o medo de Deus como acontece com o restante de nós. Sem o menor sinal de culpa ou remorso, *uma em cada 25 pessoas pode fazer absolutamente qualquer coisa.*

A alta incidência da sociopatia exerce um grande impacto em toda a sociedade, mesmo em quem não sofreu trauma psicológico. Os indivíduos que compõem esses 4% sugam nossos relacionamentos, nossas contas bancárias, nossas conquistas, nossa autoestima e até nossa paz. Surpreendentemente, porém, muitas pessoas não sabem nada sobre esse transtorno ou, quando sabem, pensam apenas em termos de psicopatia violenta – homicidas, *serial killers*, genocidas –, em indivíduos que, de forma óbvia, violaram a lei diversas vezes e que, se forem pegos, serão encarcerados e, em alguns países, até mesmo condenados à morte. Em geral, não identificamos nem tomamos conhecimento do grande número de sociopatas não violentos que nos cercam. Esses criminosos muitas vezes

não agem abertamente, e o sistema jurídico oferece pouca proteção contra eles.

A maioria de nós não vê nenhuma relação entre planejar um genocídio e, sem nenhum vestígio de culpa, mentir para o chefe a respeito de um colega. No entanto, essa relação não apenas existe, como é aterradora. O que esses dois atos têm em comum é a ausência do mecanismo interno que nos dá uma surra, emocionalmente falando, quando fazemos uma escolha que consideramos imoral, antiética, negligente ou egoísta. A maioria de nós se sente um pouco culpada quando come o último pedaço de bolo. Imagine como reagiríamos se intencional e metodicamente feríssemos outra pessoa. Os indivíduos sem consciência constituem um grupo único, quer sejam tiranos homicidas ou simples francoatiradores sociais sem escrúpulos.

A ausência ou a presença de consciência divide os seres humanos de forma muito profunda. Talvez seja mais significativa do que a inteligência, a raça ou até mesmo o sexo. O que distingue o sociopata que vive à custa dos outros daquele que de vez em quando assalta lojas de conveniência ou do que se transforma num grande empresário explorador – ou o que diferencia um valentão comum de um assassino psicopata – é tão somente status, disposição, intelecto, sede de sangue ou oportunidade. O que separa todos esses indivíduos do restante de nós é um buraco totalmente vazio na psique, onde deveria estar a mais evoluída de todas as faculdades humanas.

Para cerca de 96% da população, a consciência é tão fundamental que nem sequer pensamos nela. Na maior parte do tempo, ela atua como um reflexo. A menos que a tentação seja absurdamente grande (o que, ainda bem, não ocorre no dia a dia), não paramos para ponderar cada um dos dilemas morais que enfrentamos. Não pensamos se devemos ou não dar ao filho dinheiro para a merenda, se devemos ou não roubar a pasta do colega de trabalho, se devemos ou não abandonar o cônjuge de uma hora para ou-

tra. A consciência toma todas essas decisões por nós, de forma tão silenciosa, automática e rotineira que nem nas nossas fantasias mais criativas conseguiríamos imaginar uma existência sem ela. Assim, quando alguém age totalmente sem consciência, tudo o que podemos fazer é inventar explicações que não chegam nem perto da verdade: a mãe se esqueceu de dar ao filho dinheiro para a merenda; o colega deve ter deixado a pasta em outro lugar; o marido devia infernizar a vida dela. Ou atribuímos rótulos que, desde que não sejam examinados muito de perto, quase explicam o comportamento antissocial: ele é “excêntrico”, “artista”, “realmente competitivo”, “preguiçoso”, “sem noção” ou “uma ovelha negra”.

Com exceção dos monstros psicopatas que vemos na TV, cujas ações são atozes demais para serem explicadas, pessoas sem consciência são quase invisíveis para nós. Vivemos interessados em nossa própria inteligência e na dos outros. Uma criança bem pequena já é capaz de diferenciar uma menina de um menino. Empreendemos guerras raciais. No entanto, no que diz respeito ao que talvez seja a distinção mais significativa da espécie humana – a presença ou ausência de consciência –, continuamos ignorantes.

Muitas pessoas, por mais instruídas que sejam em outros aspectos, desconhecem o significado da palavra *sociopata*. Entre as poucas que conhecem o termo, são raras aquelas que se dão conta de que ele provavelmente se aplica a alguns conhecidos seus. E mesmo depois de apresentada a esse rótulo, a maioria dos seres humanos é incapaz de imaginar como seria não ter consciência. Na verdade, é difícil pensar em outra experiência tão inconcebível. A cegueira total, a depressão clínica, a deficiência cognitiva, a sorte de ganhar na loteria e milhares de outros extremos da experiência humana, até mesmo a psicose, são acessíveis à nossa imaginação. Todos já nos sentimos perdidos na escuridão, meio deprimidos e, uma ou duas vezes, já nos consideramos burros. A maioria tem uma lista do que fazer com uma fortuna inesperada. E, quando sonhamos, os pensamentos e imagens são desordenados.

Mas não ligar *nem um pouco* para os efeitos dos nossos atos sobre a sociedade, os amigos, a família e os *filhos*? Como seria isso? Como poderíamos ficar satisfeitos com nós mesmos? Nada em nossas vidas, quer estejamos acordados ou dormindo, nos dá uma ideia. A situação mais próxima talvez seja perder temporariamente nossa capacidade de raciocinar ou agir por causa de uma dor física insuportável. Ainda assim, até na dor há culpa. A falta absoluta de culpa desafia a imaginação.

A consciência é o nosso chefe onisciente, ditando regras de comportamento e impondo castigos emocionais quando as violamos. Não pedimos para ter consciência. Simplesmente ela está lá o tempo todo, como a pele, os pulmões ou o coração. Não podemos imaginar como nos sentiríamos sem ela. E, de certa maneira, nem merecemos o crédito por agir conscientemente.

A ausência de culpa é também um conceito médico confuso como nenhum outro. Ao contrário do câncer, da anorexia, da esquizofrenia, da depressão ou mesmo dos outros “distúrbios de caráter”, como o narcisismo, a sociopatia parece ter um aspecto moral. Os sociopatas quase sempre são vistos como maus ou diabólicos, mesmo (ou talvez sobretudo) pelos profissionais de saúde mental, e a sensação de que esses pacientes de alguma forma são moralmente insultantes e aterradores é bastante intensa na literatura.

Robert Hare,⁷ professor de psicologia da British Columbia University, desenvolveu a *Psychopathy Checklist* (uma escala para verificação da psicopatia), hoje aceita como instrumento-padrão de diagnóstico para pesquisadores e médicos em todo o mundo. Sobre os sociopatas, Hare, o cientista frio, escreve:⁸ “Todos, inclusive os especialistas, podem ser enredados, manipulados, enganados e desnorteados por eles. Um bom psicopata pode tocar um concerto nas cordas do coração de *qualquer um*... Nossa melhor defesa é entender a natureza desses predadores humanos.” E Hervey Cleckley,⁹ autor do texto clássico de 1941, *The Mask of*

Sanity (A máscara da sanidade), faz a seguinte declaração sobre os psicopatas: “Beleza e feiura, salvo em um sentido muito superficial, bondade, maldade, amor, horror e humor não têm nenhum significado real, não são capazes de comovê-los.”

Alguém pode facilmente argumentar que sociopatia, Transtorno da Personalidade Antissocial e psicopatia são denominações inadequadas, que refletem uma mistura instável de ideias, e que, antes de mais nada, a ausência de consciência não faz sentido como categoria psiquiátrica. A esse respeito é fundamental observar que todos os outros diagnósticos psiquiátricos (inclusive o narcisismo) trazem certa dose de inquietação ou sofrimento a seus portadores. A sociopatia é o único transtorno que não *faz mal* ao doente, não lhe causa desconforto subjetivo algum. Os sociopatas em geral estão satisfeitos com eles mesmos e com a vida que levam, e talvez por isso não exista “tratamento” eficaz. Eles só procuram a terapia por ordem judicial ou quando isso pode lhes trazer algum lucro. O desejo de melhorar raramente é a verdadeira razão. Tudo isso nos leva a perguntar se a falta de consciência é um distúrbio psicológico ou um termo jurídico – ou algo completamente diferente.

Ímpar em sua capacidade de confundir até os profissionais mais experientes, o conceito de sociopatia se aproxima perigosamente das nossas noções de alma, do embate entre o bem e o mal, e essa associação torna difícil refletir sobre o assunto de forma clara. A inevitável característica “eles contra nós” do problema levanta questões científicas, morais e políticas que confundem a mente. Como estudar cientificamente um fenômeno que, pelo menos em parte, parece ser moral? Quem deveria receber ajuda e apoio profissional, os “pacientes” ou aqueles que precisam suportá-los? Uma vez que a pesquisa psicológica vem gerando meios de “diagnosticar” a sociopatia, quem deveria ser testado? Esse tipo de teste deveria ser aplicado numa sociedade livre? E, se um indivíduo for identificado como sociopata, o que se poderá fazer – se é que exis-

te algo a ser feito? Nenhum outro diagnóstico suscita perguntas tão política e profissionalmente imprecisas, e a sociopatia – com seus comportamentos que variam¹⁰ desde maus-tratos e estupro perpetrados contra o cônjuge até assassinatos em série e fomentação de guerras – em certo sentido é a última e mais assustadora fronteira psicológica.

Na verdade, as perguntas mais desalentadoras em geral não são sequer sussurradas: podemos afirmar que esse distúrbio não traz vantagens para o sociopata? Trata-se realmente de um transtorno ou a sociopatia é funcional? Igualmente incômoda é a incerteza quanto ao outro lado da mesma moeda: será que a *consciência* traz vantagens para o indivíduo – ou o grupo – que a possui? Ou, como alguns sociopatas já sugeriram, ela não passa de um curral para as massas? Quer as expressemos em voz alta ou não, dúvidas como essas se agigantam, implícitas, num mundo em que, durante milhares de anos e até hoje, os nomes mais famosos sempre foram os daqueles que conseguiram ser consideravelmente amorais. Em nossa cultura atual, usar os outros é quase moda, e a falta de escrúpulos nos negócios parece render lucros ilimitados. A maioria de nós encontra na própria vida exemplos de pessoas inescrupulosas que saíram vencedoras, e em determinadas ocasiões ter integridade de princípios é praticamente fazer papel de bobo.

Será verdade que os trapaceiros nunca se dão bem, ou, ao contrário, os bonzinhos sempre ficam para trás? Será que a minoria descarada acabará realmente herdando a terra?

Essas perguntas refletem a preocupação central deste livro, cujo tema me ocorreu logo depois que as catástrofes do 11 de Setembro de 2001 mergulharam todos os indivíduos providos de consciência na angústia e alguns deles no desespero. Em geral sou otimista, mas, naquela ocasião, assim como diversos psicólogos e estudiosos da natureza humana, temi que os Estados Unidos e outros países se envolvessem em conflitos e guerras de retaliação repletos de ódio que nos assombrariam por muitos anos. Inesperadamente, o verso

de uma canção apocalíptica dos anos 1970¹¹ invadia meus pensamentos sempre que eu tentava relaxar ou dormir: “Satã, rindo, abre suas asas.” Na minha mente, esse Satã alado, trovejando sua gargalhada cínica e alçando voo dos escombros, não era um terrorista, mas um manipulador demoníaco que usava os atos terroristas para acender a chama do ódio em todo o mundo.

Meu interesse pela questão específica da sociopatia versus consciência surgiu durante uma conversa ao telefone com um colega, um homem bom, normalmente alto-astrol e encorajador, mas que, naquele momento, se encontrava chocado e desorientado como todo mundo. Conversávamos sobre um paciente em comum cujos sintomas suicidas haviam piorado de forma alarmante, aparentemente em decorrência da tragédia nos Estados Unidos (devo dizer com alívio que ele melhorou bastante desde então). Meu colega disse que se sentia culpado por estar ele próprio tão arrasado e incapaz de dar ao paciente a costumeira dose de energia emocional. Esse terapeuta extremamente cuidadoso e responsável, dominado, como todo mundo, pelos acontecimentos, acreditava estar sendo relapso. Em meio às críticas dirigidas a si mesmo, ele fez uma pausa, suspirou e me disse num tom cansado que não lhe era característico:

– Sabe, às vezes me pergunto qual a vantagem de *ter* consciência. Isso só serve para nos colocar no time perdedor.

Fiquei muito surpresa com esse comentário, sobretudo porque o cinismo não fazia parte de sua postura, geralmente cordial e otimista. Passado um momento, retruquei com uma pergunta:

– Bernie, se pudesse escolher, e sei que não pode, mas, se essa opção existisse de verdade, você preferiria ter consciência ou ser um sociopata, capaz de fazer qualquer coisa que tivesse vontade?

Depois de refletir, ele respondeu:

– Você está certa – disse, embora eu não houvesse sugerido ter o dom da telepatia. – Eu escolheria ter consciência.

– Por quê? – insisti.

Houve uma pausa, seguida de um longo suspiro:

– Bem... – Finalmente, ele concluiu: – Sabe, Martha, não sei por quê. Só sei que escolheria ter consciência.

Talvez eu estivesse sendo demasiadamente otimista, mas me pareceu que, depois desse comentário, houve uma sutil mudança em seu tom de voz, como se Bernie se sentisse um pouco menos derrotado. Passamos então a falar sobre o que uma das nossas organizações profissionais planejava fazer pelos habitantes de Nova York e Washington.

Depois dessa conversa, e durante um bom tempo, continuei cismada com a pergunta de Bernie, “Qual a vantagem de ter consciência?”, com o fato de ele preferir tê-la e com a ideia de ele não saber o motivo dessa escolha. Um moralista ou teólogo poderia muito bem ter respondido “Porque é o certo” ou “Porque quero ser uma pessoa boa”. Mas meu amigo psicólogo não soube dar uma resposta “psicológica”.

Acredito que precisamos conhecer a razão psicológica. Sobretudo agora, num mundo aparentemente preparado para a autodestruição, repleto de falcatruas comerciais, terrorismo e guerras de ódio, precisamos saber por quê, *em um sentido psicológico*, é preferível ter consciência a ser intocado pela culpa ou pelo remorso. Em parte, este livro é minha resposta, como profissional, à pergunta “Qual a vantagem de ter consciência?”. Para chegar aos motivos, apresento primeiro indivíduos que não têm consciência, os sociopatas – como se comportam, como se sentem –, para que possamos refletir sobre o valor, para os restantes 96% da população, de possuir uma característica que pode ser incômoda, dolorosa e – sim, é verdade – limitante. O que vem a seguir é a homenagem de uma psicóloga a essa vizinha interior e à maioria dos seres humanos dotada de consciência. Este livro é para aqueles que são incapazes de imaginar qualquer outra forma de viver.

E também minha tentativa de alertar as pessoas de bem contra o “vizinho psicopata” e de ajudá-las a lidar com a situação. Tanto

pessoal quanto profissionalmente já vi muitas vidas serem quase destruídas pelas escolhas e ações de uma minoria sem consciência. Esse pequeno grupo é perigoso e incrivelmente difícil de identificar. Mesmo quando não praticam violência física – e em especial quando são pessoas próximas de nós –, eles são capazes de dilacerar vidas e de transformar a sociedade como um todo em um lugar inseguro. A meu ver, esse domínio das pessoas sem nenhuma consciência sobre o restante de nós constitui um exemplo particularmente disseminado e estarrecedor do que o romancista F. Scott Fitzgerald¹² chamou de “tirania dos fracos”. E acredito que todos os que possuem consciência deveriam se informar sobre o comportamento cotidiano desses indivíduos para poder reconhecê-los e ser capaz de lidar com os moralmente fracos e inescrupulosos.

No que diz respeito à consciência, parece que nossa espécie é de extremos. Basta ligar a televisão para comprovar essa desconcertante dicotomia, para ver pessoas rastejando para salvar um gatinho preso num cano de esgoto e, em seguida, tomar conhecimento de que outros seres humanos mataram mulheres e crianças e amontoaram seus corpos. No dia a dia, embora talvez não de forma tão dramática, vemos a mesma abundância de contrastes. De manhã, alguém se dá o trabalho de se desviar do seu caminho para nos entregar uma nota de 10 reais que deixamos cair. À tarde, outra pessoa, com um sorriso sarcástico, se dá o trabalho de se desviar do seu caminho para fechar nosso carro no trânsito.

Diante dos comportamentos radicalmente contraditórios que observamos todos os dias, precisamos falar com franqueza sobre os dois extremos da personalidade e do comportamento humanos. Para criar um mundo melhor, temos que entender a natureza dos que agem sistematicamente contra o bem comum e sem qualquer punição emocional. Apenas tentando conhecer a natureza da desumanidade poderemos descobrir as muitas formas de vencê-la, e somente reconhecendo a existência das trevas podemos garantir a legitimidade da luz.

Minha esperança é que este livro contribua em alguma medida para limitar o impacto destrutivo dos sociopatas em nossa vida. Os indivíduos dotados de consciência podem aprender a identificar “o vizinho psicopata” e, com esse conhecimento, tentar neutralizar suas intenções egoístas. Na pior das hipóteses, seremos capazes de proteger a nós mesmos e nossos entes queridos das manobras descaradas dessas pessoas.